



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista.,

DIRECTOR : EDUARDO LARCHER MARÇAL.

COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES—BARCELLOS

## AINDA A PARADA AGRICOLA



profecia que no penultimo numero d'este jornal tinhamos deixado esboçada realisou-se; a Parada Agricola foi um successo.

E nem admira que o fosse, nem houve grande merecimento em profetisar.

Festa popular, festa da lavoiara, encontrou no coração da gente do campo o acolhimento que a tornou sympathica e o apoio desinteressado e caloroso que a fez grande. E só quem não tivesse coração ou não entendesse o coração d'este bom povo, é que não adivinhava o resultado.

Foi uma grande e linda festa; suggestiva na sua significação, e enternecedora na sua sinceridade. E é por isso que a gente, ao ver passar o cortejo, sentia apertar-se qualquer coisa na garganta, e subir aos olhos uma certa humidade . . .

\*

Forte manifestação de vida e de actividade, de energia e de trabalho, a Parada Agricola teve como nota dominante a alegria, a animação, o enthusiasmo. Aquelles milhares de pessoas impulsionadas pela mesma ideia, os ranchos de raparigas com os seus fatos á lavradeira cantando as lindas cantigas da nossa terra, as *rondas* tão typicas e

tão pittorescas, as musicas com os seus uniformes vistosos e os seus metaes luzentes, os carros enfeitados de flores, os boisinhos trabalhadores e pacientes, e sobre tudo isto o bom sol brilhante que tudo doira e tudo aquece, é quem fizeram que a festa fosse uma festa de alegria, de luz e de paz, como poucas vezes se terão feito n'este torrão abençoado do nosso Minho.

E era commovedor e consolador ao mesmo tempo, ver desfilarem alegres e contentes todos aquelles trabalhadores do campo, cheios de vida exuberante e de alegria sã, que passavam, não com o ar apagado e obediente de quem toma parte n'uma manifestação que não comprehende, mas de cabeça levantada e com o ar resolute e digno de quem sente muito bem o que vale, e quanto é digno, o bom trabalho honrado que os seus braços crestados do sol e as suas mãos calçadas da enxada representam.

A elles se deve o exito da Parada Agricola.

\*

Outra nota interessante da festa foi sem duvida o esforço persistente em favor do regionalismo, e o progresso que do anno passado para cá se conseguiu realisar. Este esforço, livre de toda a preocupação po-

lítica, e tendo apenas por fim não deixar perder completamente tantas coisas boas que o passado nos legou, obedece a uma ideia nobre e patriótica, e não pôde deixar de ser acolhido com sympathia por todos quantos se interessam pelo bem da nossa terra.

A ideia regionalista, que entre nós começa agora a apparecer, vem desvendar largos horisontes, e abrir um campo immenso onde ha espaço para todas as actividades, e trabalho para todas as energias.

Barcellos pôde ufanar-se de ter mostrado desde o anno passado o caminho ao resto do paiz, e especialmente á nossa bella provincia, tão rica de tradições, de lendas pittorescas, de lindos costumes. Trata-se de não deixar desaparecer todas estas coisas que constituem um legado precioso do passado, e de ao mesmo tempo concentrar as forças para a lucta fecunda do trabalho, e para o renascimento da agricultura que é a esperança radiosa do futuro da nossa terra.

E' este o fim patriótico e levantado do esforço em favor do regionalismo, que todos vimos começar no anno passado e accentuar-se este anno com a Parada Agricola.

Que todos os barcellenses, aquelles que sincera e devotadamente desejam a prosperidade da nossa terra, comprehendam bem isto, e a Parada Agricola alem de uma festa brilhante, terá tambem sido uma util e fecunda lição.

V. B.



## Festas das Cruzes

DA briosa Comissão promotora das brilhantissimas Festas das Cruzes e da digna direcção da Associação Commercial, organisadora d'esta comissão, recebeu a redacção do *Barcellos-Revista* um cartão em que se lhe agradece a propaganda que este jornal fez em favor das nossas festas.

E' porém certo que ninguém, seja quem fôr, merece agradecimentos pelo cumprimento do dever a que nos obrigam sentimentos de patriotismo.

As festas eram em proveito da nossa terra: engrandeciam-n'a; davam-lhe movimento e lucro; proporcionavam ao forasteiro o visitar-nos e apreciar as bellezas naturaes da nossa linda povoação; faziam-nos crear sangue novo, para trabalhar em proveito nosso — da nossa terra. Não tinhamos pois, nós e todos, o dever de dar aos seus briosos promotores plena adhesão, auxiliá-os com o que as nossas fracas forças podese-

sem? Esse dever tinhamo-lo e procuramos cumpri-lo quanto em nós coube.

Agradecer-no-lo foi gentileza dos briosos promotores das festas: briosos no inicio dos seus trabalhos e correctissimos ao terminá-los.

Briosos, sim! Trabalhadores incansaveis como poucos.

Elles entenderam, e muitissimo bem, que tomar sobre seus hombros o encargo pesado de promover umas festas, era um dever: e nós, barcellenses tambem, igualmente anciosos por ver a nossa terra progredir, enten-



João Carlos Coelho da Cruz

Distincto Presidente da Comissão das Festas das Cruzes e da Associação Commercial, que tanto concorreu com o seu valioso e dedicado esforço para o brilho d'essa festividade.



## Dos nossos prosadores

### As Freiras de Lorvão

(CONCLUSÃO)

A historia recente de Lorvão é simples. Os bens acumulados n'aquelle cenobio durante dez seculos tinham-o tornado demasiadamente rico. A sua renda annual dizem que orçava por mais de oitenta mil cruzados. Como mosteiro cisterciense, Lorvão dependia dos monges brancos. Cem freiras de que se compunha a comunidade, e que viviam opulentamente, gastavam muito, mas não gastavam tudo. Cinco frades bernardos, aposentados n'um palacete contiguo ao mosteiro, consumiam o resto. Eram elles que administravam as grossas rendas da casa. Os banquetes e as festas succediam-se alli sem interrupção. Os hospedes eram continuos. O manto da religião cobria todos os excessos da opulencia. A chronica dos bernardos em Lorvão subministra mais de um capitulo curioso para a historia dos *bons tempos* que já lá vão.

Até aqui nada ha extranho. Mas os frades entenderam que deviam comer a renda e o capital das cenobitas laurbanenses. Refere-se que certa vez, não sabendo explicar plausivamente o dispendio de uma verba de 600\$000 réis, escreveram n'umas contas irrisorias que mostravam annualmente á abadesa: *Palitos—600\$000 réis*. Pode ser fabula. O que, porém, não é fabula é que durante muitos annos o dinheiro das decimas que o mosteiro devia pagar esqueceu em Alcobaça, dan-

demos que auxiliá-os com a propáganda das festas que elles promoviam, era cumprir religiosamente o dever que á consciencia de patriotas sinceros se impõe.

Esse dever, seja dito em abono da verdade, foi tambem briosamente cumprido pelos nossos collegas locaes.

Todos, deixando transparecer sentimentos de patriotismo e de amor por esta terra, prestaram o seu concurso ás festas. Gostamos immenso de ver a imprensa local assim unida para um fim util. Calou bem no espirito de todos essa unidade de trabalho em prol de Barcellos e, digamol-o ainda em abono da verdade, de immenso futuro seria que a nossa terra tivesse na sua imprensa, sempre, um pregão permanente a reclamar melhoramentos, a chamar todos a trabalhar pelos assumptos que mais directamente nos interessam.

Terras ha em que este caso louvavel se dá. E o quanto não seria de estimar, de louvar mesmo que, quando se tratasse de um melhoramento, a imprensa local o discutisse com calor, mas sem essa paixão que muitas vezes transparece no seu modo de apreciar!

Pensem n'isto: e do mesmo modo que todos soubemos concorrer para o brilhantismo das nossas festas, concorramos tambem, todos, com a mesma unidade de interesse, para a prosperidades da nossa terra.

Para terminar permitta-nos a distincta Commissão das Festas e a dignissima Associação Commercial, que as felicitemos pelo grande brilho que as festas revestiram e pelo dedicado e nobre esforço que representaram.

J. S.



Conde de Villas Boas

Organizador e alma da Parada Agricola. Foi principalmente a sua vontade energica e tenaz, o seu entusiasmo cheio de calor e de carinho pela agricultura, a sua vigorosa propaganda, a sua orientação rasgada e o seu grande e intelligente amor á nossa terra que crearam e organisaram essa bella apothese da lavoura, a mais linda e a mais elevada das nossas festas regionaes.

do-se em conta como pago. Por outro lado as *necessidades da casa* tinham feito com que suas reverências empenhassem a communiidade em 6:000\$000 ou 8:000\$000 réis. Os juros d'esta divida tambem se não pagaram. Veio o anno de 1833. Desappareceram os dizimos, principal rendimento do mosteiro. Os direitos senhoriaes desappareceram tambem. Os frades, enxotados do seu feudo de Lorvão, saíram d'alli, mandando primeiramente derribar todas as arvores que povoavam aquellas encostas e vendendo as madeiras. Era o ultimo *vale* que davam a suas irmãs. Ainda assim, ficava ás monjas uma honesta subsistencia. Passado, porém, apenas um anno, o fisco arrebatou-lhes quasi tudo pela divida de 25 contos de réis de decimas, e os credores particulares levaram-lhes depois os demais bens. Restavam-lhes apenas alguns pequenos foros espalhados por diversos districtos, os quaes geralmente lhes são recusados, ou cuja difficil cobrança quasi consome o producto d'elles. Vacillantes entre a vida e a morte, as freiras de Lorvão prolongam uma existencia de dôr e miseria pendente das eventualidades d'esse tenue rendimento. Ha um ou dous annos, o governo deu-lhes a esmola de um subsidio: este subsidio, porém, cessou. Ignora-se o motivo. Porventura alguma secretaria de estado precisava de novos estofos nas suas commodas poltronas, ou os felpudos tapetes das salas ministeriaes tinham perdido o brilho das suas côres variegadas, e cumpria renová-los. São despezas inevitaveis, e é necessaria a economia. Se assim foi, respeitamos as exigencias imperiosas da dignidade governativa. Alta noite, durante o inverno, vinte mulheres curvadas pela inedia e pela velhice podem dirigir-se ao côro, calcando quasi descalças as lageas humidas e frias d'estes claustros solitarios; mas as botas envernizadas de suas excellencias devem ranger mollemente sobre um pavimento suave, e as suas cabeças, afogueiadas pelas profundas cogitações, reclinaram-se em fofos espaldares. Todavia a magestade das secretarias e os apices da economia não excluem a tolerancia, nem a indulgencia. Faço essa justiça ao poder. Quando a ultima freira de Lorvão expirar de miseria, ou de



#### FESTAS DAS CRUZES

Um aspecto do cortejo agricola, na sua passagem pela rua do Infante D. Henrique

baixo de alguma d'essas paredes interiores do mosteiro que ameaçam desabar, os ministros soffrerão com animo paternal que mãos piedosas vão lançar o cadaver da pobre monja no ossuario de sete seculos, onde repousam as cinzas de milhares de suas irmãs. Depois venderão o edificio e a cêrca a algum d'estes judeus do seculo XIX, a que chamamos agiotas, se algum houver a quem passe pelo espirito ter uma casa de campo em Lorvão.

Meu amigo: se a indignação consentisse o riso, se não se tractasse de uma questão grave e triste, eu riria do afan da imprensa em ventilar os meios de acudir á desgraçada ilha da Madeira. O remedio ha de ser o abandono. Quando vejo a facilidade com que a sorte das freiras de Portugal se tornaria feliz, e considero o estado de Lorvão, de Cellas, e de tantos outros mosteiros, como hei de esperar que remedeiem um mal cuja cura é mil vezes mais difficil?

Na secretaria da justiça encontram-se as provas de que a renda dos bens que ainda



possuem os conventos do sexo feminino em Portugal excede a 200:000\$000 réis, e todavia ha centenas de freiras que morrem á mingua. São dous factos que não carecem de commentario. E' a manifestação mais eloquente de que não ha governo n'esta terra. Existem mosteiros, cujas habitadoras vivem na opulencia, e onde o superfluo se desbarata de um modo escandaloso. Não digo quaes. E para que apontá-los? Apos-to meia moeda, uma moeda até, contra mil acções da companhia Hislop, que se lembravam logo de reduzir esses mosteiros á mendicidade para fazerem com o rendimento d'elles sessenta coroneis e duas secretarias de estado novas. Antes assim como está. Defendiam-nos mais, e administravam-nos mais. Deus nos livre d'isso!

E' certo, porém, que para as freiras de Lorrvão viverem tranquillamente os seus ultimos dias, bastava que nos homens do poder tivesse existido um leve instincto de equidade. Os frades de Alcobaça roubaram 25:000\$000 réis a Lorrvão. Eram responsaveis por elles. A sua responsabilidade passou para o fisco seu herdeiro e successor. As decimas de Lorrvão deviam ir buscar-se aos bens de Alcobaça, logo que se provasse que Alcobaça espoliara fraudulentamente Lorrvão. Averiguou-se o facto? Não. O fisco executou as freiras, e recebeu duas vezes a mesma divida. Onde houvesse moralidade na administração publica praticava-se isto?

Mas porque o importuno com esta larga historia? Não é, meu amigo, só para desa- bafo: é para lhe pedir um favor. Supponha que viu, como eu vi, as faces enrugadas e pallidas das monjas de Lorrvão, por onde as lagrymas se penduravam quatro a quatro, enquanto vozes convulsas descreviam scenas do longo drama de miseria de que este sepulchro de vivos tem sido theatro durante vinte annos: supponha que olhava para estas janellas mal reparadas, para estas paredes verdoengas, cujo aspecto produz um sentimento inexplicavel de frio, apesar do calor da atmospha n'um dia de julho; para as alfaias roçadas e poidas; para os proprios trajos das freiras; que lia em tudo isso, repetida por cem modos, uma palavra só:

*infortunio, infortunio, infortunio!* Que fazia? Com o seu coração, com os seus principios, e redactor de um jornal que tem largas sympathias, sentia-se grande e forte pondo a sua penna eloquente ao serviço da desgraça e da fraqueza. Faça-o, meu amigo; faça-o! Peça esmola para as freiras de Lorrvão, que foram ricas e felizes na mocidade, e que na velhice têm fome. A velhice é sancta! Ponha esse contraste do passado e do presente perante os olhos dos opulentos e ditosos, para que se lembrem com alguns cruzados das pobres que gemem debaixo d'estas abobadas escondidas no meio dos montes ladeirentos e agrestes do concelho de Penacova. Ao governo não peça nem diga nada; deixe esses homens ao seu destino; deixe-os estofar poltronas e dormir n'ellas. Deus e os vindouros hão de julgar-nos a todos.

Se entender que esta carta de uma testemunha ocular pôde servir de thema ás suas considerações, publique-a. O homem que vê o que eu vi e que abafa no peito o grito da



FESTAS DAS CRUZES

Outro aspecto do cortejo agrícola, na sua passagem pela rua do Infante D. Henrique

indignação ou é um malvado ou um covarde, e eu espero não merecer jámais nenhum d'esses titulos. Imprima esta carta no todo ou em parte, se quizer; porque folgarei com isso. O que importa é ver se obtemos despertar a compaixão publica a favor d'estas infelizes.

Auctorisando-o, porém, a publicar as idéas que me assaltaram ao presenciar o espectáculo atroz e repugnante que está diante de mim, advirta que não ha n'isso nem virtude, nem audacia. Incommodam-me mediocrementemente as coleras de certa gente, e a malevolencia ou antes o odio d'ella é titulo que aprecio, porque creio que ha de honrar perante a posteridade quem quer que o possuir, se é que este paiz não caminha fatal e irremediavelmente á dissolução social.

A. HERCULANO.

(Opusculo Tomos I  
Questões Publicas I).

---

## A vida physica

---

*A orientação do vestuario, não está de harmonia com a acção que deve desempenhar.*

*O vestuario impede o resfriamento, pela camada d'ar interposta.*

*Condições a que deve satisfazer, para conservar o calor.*

*As experiencias de M. Bergonié.*

*As affecções produzidas pelo frio.*

*Meios de prevenir o organismo contra as affecções e dar-lhe mais rusticidade.*

*O vestuario excessivo, abafa o corpo n'uma atmosphera anti-hygienica.*

*Reacção do organismo contra o calor.*

O homem, desde tempos immemoriaes, começou a proteger o seu corpo contra as intemperies do ar, pelo uso de vestuarios mais ou menos simples. As pelles dos animaes que abatia para se alimentar, foram sem duvida as suas primeiras roupas; mais tarde as plantas, deram tambem o seu contingente.

O uso do vestuario, despertou o desejo de dar mais realce e elegancia ao corpo.



FESTAS DAS CRUZES

Ainda outro aspecto do cortejo agricola, na sua passagem pela rua do Infante D. Henrique.

Actualmente a moda faz do vestuario um ornamento, a que, a maior parte das vezes, não preside o mais leve intuito de servir de resguardo ao corpo, contra as mudanças de temperatura do ar.

O grande principio de restabelecimento da egualdade de temperatura, impera sobre os corpos d'uma maneira notavel.

Os corpos que tem um grau calorifico qualquer, estando em presença d'outros cujo grau é menor, são obrigados a ceder parte do seu calor, para restabelecer a egualdade de temperatura; os movimentos do ar ainda accelleram mais esta perda.

O nosso corpo cuja temperatura normal é de 37.º, se estivesse nú, seria quasi continuamente obrigado a ceder calor, ao ar que o rodeia.

O vestuario faz com que fique o corpo rodeado por uma camada d'ar que, por ser mau conductor do calor, o previne contra as mudanças de temperatura do meio ambiente.

Todo e qualquer tecido, por mais pesado e espesso que seja, protege infinitamente



menos, do que qualquer outro que seja leve e de malhas largas.

O ar é um corpo mau conductor do calor, por isso pode dizer-se que os tecidos que armazenam nas suas malhas maior quantidade d'ar, á parte a conductibilidade da materia prima, têm um coefferente de protecção mais elevado contra o frio.

M. Bergonié, mediu com um methodo preciso, o coefferente de protecção contra o frio dos diversos vestuarios.

Serviu-se do seguinte dispositivo: encheu d'agua a 37.<sup>o</sup> graus um busto de cobre, e collocou-o n'um quarto a 12.<sup>o</sup>. Observou o tempo que este busto levou a resfriar um grau; depois cobriu-o com vestuarios de diversos tecidos, para verificar o seu coefferente de protecção contra o frio; e obteve-o da mesma forma, notando o tempo que levava a resfriar um grau; constatando exactamente o que acima dissemos: que o vestuario mais effizamente protector do organismo, á parte a conductibilidade da materia prima, é o mais leve e de malhas largas.

Ha um grande numero de affecções produzidas pelo resfriamento, que atacam principalmente o nariz, a garganta, a laringe, os bronchios e suas ramificações e que podem dar logar á pneumonia e produzir inflamações nos olhos e ouvidos.

Vulgarmente attribue-se ao frio uma grande acção sobre o reumathismo articular, muscular, agudo e chronico; é um poderoso auxiliar das neuralgias, e produz ás vezes desarranjos nas vias digestivas, acompanhadas de diarrhea.

No meu entender, um dos melhores meios para resistir á maior parte das doenças, que nos podem sobrevir pelas alternativas de frio ou calor, consiste em habituar o organismo, segundo certas normas não exageradas, a todas estas oscillações.

Se assim não fosse, que seria dos pobres que nem ao menos têm um agasalho para os preservar do frio nas noutes de rigorosa inverno!

O individuo que de ordinario é exagerado, nas suas precauções contra o frio, é aquelle que está mais sujeito, aos seus maleficos effectos. O agasalho deve usar-se, quando se não possa supportar o frio.

Nas manhãs menos frias, devem mesmo abrir-se as janellas do quarto, de maneira que o ar puro venha oxygenar a superficie cutanea, quando nos vestimos. Por esta mesma razão, a hygiene não deveria prescrever nunca, um vestuario tão complicado, que não permittisse ao organismo, expor todas as suas partes á oxygenação do ar.

Pelo contrario o vestuario complicado, abafa o corpo n'uma atmosphaera anti-hygienica.

Se fossem mais seguidos estes simples preceitos, não serião certamente assaltados por esse grande conjuncto de inflamações, que se originam nos organismos; que pelo effecto de precauções exageradas, perderam toda a sua rusticidade. N'estes organismos delicados, a mais pequena corrente d'ar é sufficiente, para os prostar alguns dias no leito.

A natureza providente, poz o organismo em condições de fabricar calor, pelos movimentos musculares.

O systema muscular reage mesmo contra o frio, contrahindo automaticamente a sua fibra muscular.

Em casos extremos, um simples jornal pode precavêr-nos contra o frio, desde que seja enrolado ao corpo por baixo do casaco; alguns desgraçados têm lançado mão d'este expediente, com seguro exito. O excesso de calor nos paizes quentes, causa muitas vizes doenças, em resultado da má adaptação do vestuario.

Contra o calor o organismo reage excitando o systema nervoso, e obrigando a funcionar as glandulas sudoriperas, para que produzam o suor, que se evapora á superficie cutanea, absorvendo parte do excesso de calor. Este processo é prejudicado pelo vestuario, que não deixa facilmente dar-se a evaporação, ficando o corpo embebido n'uma atmosphaera saturada de humidade; produzindo um grande mal estar.

Ha um meio effizaz de lucta contra o calor, que consiste em fazer movimentos, que produzam trabalho. N'estas condições, a quantidade de calor produzido é insignificante; estabelece-se uma transpiração abundante, e o mal estar devido ao excesso de calor, a breve desaparece.

L. M.

## Chronica ligeira

SE fosse possível eu faria hoje estrealjar aqui estridulosas girandolas, pois para fallar de festas, para traduzir enthusiasmo, só com a voz tonitruante d'um foguetorio vivo, no dizer de muitos entendidos. E as nossas Festas das Cruzes, então, que, apesar de n'este anno romperem *civilisadamente* sem o ulular tremendo das salvas atroadoras, não deixaram d'estrepitar a valer nas duas exhibições pyrotechnicas da linda noite do arraial! Bom fôgo, em verdade, com formosos exemplares, que se abriam ora em caricias de luz polychroma, ora em catadupas de intensos brilhos de variada côr, que davam ao espaço o aspecto phantastico das coisas mirificas. Mas muito rufado d'incommodos estampidos, que seria conveniente supprimir, para que a gente, com os nervos mais em descanso, podesse maravilhar-se, á vontade, na grata contemplação dos magnificos productos d'uma arte tanto mais interessante, quanto só cuidar de effeitos luminosos.

Mas, então, com todas estas mostras de quasi aversão aos foguetes de respostas e á detonação formidanda da dynamite, como é que eu traria para aqui justamente aquillo que sinceramente condemno?

E' porque as festas, as grandiosas festas das Cruzes, apesar d'alguns *senões* que se lhes podia notar, merecem applausos á farta, ruidosos, estrondosissimos mesmo, até ao sacrificio de eu proprio os exprimir por meio do fragor mais ingente que o enthusiasmo podesse fazer explodir. Bellas festas, em verdade! Illuminações deslumbrantes, esquecendo, é claro, o seu prolongamento pelo Campo D. Manoel II; numeros, emfim, de grande effeito e magnifico exito incluídos n'um bem organizado programma, que foi cabalmente executado. Mas de todos elles é justo, é legitimo, torna-se mesmo dever

imperioso seleccionar esse esplendido e admiravel certamen da lavoura local, a que se convencionou dar o nome de **Parada Agricola**. Isto sim! Por si só foi toda uma grande festa cheia de evidentes proveitos e esfuante de vibrantissimos júbilos.

**Parada Agricola!** Magestosa, quando ao longo do *Campo* se expunha á analyse dos muitos milhares de pessôas que procuravam apreciar-la no seu soberbo quietismo, tornou-se, ao desenvolver-se em cortejo, que bem pudera tomar-se pela marcha triumphal da Agricultura, tão elevada, tão sublime, tão imponente, tão suggestiva e emocionante, que a gente sentia que alguma coisa de grande passava, de commovedor e solemne, glorificando a força creadora e portentosissima da terra, na sua intima e fecunda ligação com as industrias inherentes!

Brilhantissima festa do trabalho rural, concebida com manifesta intelligencia e realisada com provadissimo zelo. Festa que foi de vasto ensinamento e franca diversão, mostrou ao lavrador que elle não era o paria desprezível, relegado dos centros civilisados para os reconcavos afastados das aldêas, mas um valor real e authenticico, um poderoso factor da tão almejada prosperidade nacional. Festa de fraternisação e de progresso foi

uma alta affirmacão de vida, um como que magno clarão de esperanza, senão já rubro lampejo de fé, formando pujante arrebol de promessas, a madrugada ridente do resurgimento da Patria!

Está mais que sabido que a nossa riqueza está na agricultura. Tem-se dito e redito, teem-no demonstrado os mais abalisados economistas. Urge, pois, tratar d'ella a preceito, alenta-la e desenvolve-la, fazendo-lhe estilhaar as algêmas da rotina, e obriga-la adoptar sem reservas, confiadamente, os processos modernos. E' mister derramar a instrucção pelo povo e estimular o cultivador.

Um dos meios mais efficazes, a par da propaganda pela palavra e pelo livro e pelo



FESTAS DAS CRUZES

O elegante carro dos Bombeiros Voluntarios, na marcha luminosa.



ensino pratico nas quintas regionaes, é sem duvida, este que em Barcellos ha já dois annos se vem usando, graças á feliz iniciativa e aos inexcelsos esforços do snr. Conde de Villas Bôas, a cujo nome é justo, por tão benemeritos serviços, render a mais calorosa homenagem de reconhecimento.

Aqui lh'a deixo consignada ao referir as nossas festas, a que soube dar o mais famoso e typico numero, que se transformou n'um verdadeiro successo.

Bravo!

M.

## O ORPHEON ACADEMICO DE COIMBRA

### A sua acção e o seu fim

A organização de um Orpheon, constituído pela Academia de Coimbra, é das maiores vantagens para o estreitamento da solidariedade academica, tendo ao mesmo tempo um alto fim educativo.

O Orpheon Academico de Coimbra, abraçando no mesmo amplexo de fraternidade todos os rapazes, sejam quaes forem as suas ideias politicas ou as, suas crenças religiosas, propoz-se unicamente a combater pela causa sagrada da instrucção, incitando tambem o povo portuguez ao culto emocional da — Arte!

O primeiro Orpheon de Coimbra, de que foi director João Arroyo, terminou ha já muitos annos. Ninguém mais se lembrou de assumir a sua direcção. Foi preciso que a Universidade de Coimbra contasse Antonio Joyce no numero dos seus alumnos, para que esta alma de verdadeiro artista, organisasse um segundo Orpheon, que tem sido applaudido e admirado em toda a parte onde se tem apresentado.

E' que Antonio Joyce, cultor insigne da Arte, sabe dar aos 200 rapazes que constituem o Orpheon, um pouco do seu calor e dos seus nervos, para que a execução dos trechos que o Orpheon canta, atinja a maior perfeição artistica.

E, assim tem succedido. Esses 200 orpheonistas educados em poucos mezes por Antonio Joyce, em curtos ensaios, executam



### FESTAS DAS CRUZES

O lindo carro dos Empregados do Commercio,  
no cortejo luminoso

com expressão artistica e com alma, trechos das operas mais celebres, que têm produzido os maiores genios da musica.

E' por isso que esses 200 apostolos do amor e da Arte, tanto cantam com todo o sentimento trechos tristes como os de Palestrina e Grieg, como executam as partes mais entusiasticas e guerreiras das grandes partituras de Meyerbeer, Berlioz, Beethoven e Wagner!

Assim o têm comprehendido todos os que têm ouvido o Orpheon Academico de Coimbra.

Em toda a parte onde se tem apresentado, tem sido saúdado com verdadeiro transporte. Mas, o maior triumpho que alcançou, foi sem duvida na capital, no theatro lyrico de S. Carlos, por occasião do sarau commemorativo do centenario do grande historiador e do grande portuguez, que se chamou Alexandre Herculano, onde os applausos tocaram as raias do delirio!

## Dos nossos poetas

### SONETO

*De dia a estrella de alva empallidece;  
E a luz do dia eterno te ha ferido!  
Em teu languido olhar adormecido  
Nunca me um dia em vida amanhecesse!*

*Foste a concha da praia! A flor parece  
Mais ditosa que tu! Quem te ha partido,  
Meu calix de cristal onde hei bebido  
Os nectares do céu... se um céu houvesse!*

*Fonte pura das lagrimas que choro,  
Quem tão menina e moça desmanchado  
Te ha pelas nuvens os cabellos de oiro!*

*Some-te, vela de baixel quebrado!  
Some-te, vôa, apaga-te, meteoro!  
E' só mais neste mundo um desgraçado!*

(1) JOÃO DE DEUS.

(1) «Nunca ninguém teve a arte de dizer coisas mais bellas em phrases tão simples» — escreveu desse grande poeta, um illustre crítico.

E realmente a bondade, a finura e elevação de sentimento da sua grande alma espelha-se nos seus versos, com a simplicidade e a pureza com que a agua mansa dos lagos reflecte o azul do céu. — Amou e cantou sempre adoravelmente as coisas simples, as emoções puras. — Por isso escreveu os seus versos para as almas delicadas e boas e só ellas o podem bem comprehender. — E por isso também amou como ninguém as creanças e para ellas escreveu carinhosamente esse livro cheio de luz e bondade que é a *Cartilha Maternal*.

A brilhante assistencia de S. Carlos ficou tomada de um entusiasmo indiscriptivel, e as manifestações d'apreço pode dizer-se que tocaram pelos dominios da apothese.

E' que a execução do programma impoz-se, e a inspirada batuta de Joyce soube provocar as justas homenagens á sua bella obra.

E' assim que o Orpheon Academico de Coimbra se vae affirmando, exercendo também a sua benefica acção, pois impulsiona

o povo português ao culto attrahente da — Arte!

\*

\* \*

Grande é o destino do Orpheon, alevantado é o seu fim.

A corrente de alphabetismo que ainda invade a nação portugüesa, não podia deixar de attrahir-lhe a attenção, bem como as grandes deficiencias da nossa educação.

Para obviar a tão grandes males, é mister trabalhar esforçadamente pela diffusão do ensino, multiplicando as escolas, e creando aquellas que possam ser logo utilizadas na primeira infancia. Assim o Orpheon resolveu crear na formosa e poetica cidade do Mondego, um *Jardim-Escola*, denominada João de Deus, instituições santas que deverão produzir os mais beneficos resultados.

João de Deus, esse grande e talvez nosso unico educador, foi um dos maiores pedagogistas, e um dos mais notaveis poetas, que tem surgido em terras portugüesas.

João de Deus, a quem muitos escriptores têm chamado o — Campoamor portugües — produziu os materjaes d'esse grande monumento da litteratura nacional, o — Campo de Flôres — «Campo de estrellas, jardim sideral, lyrio de luz innocente, a que mil milhões de annos não roubarão uma pétala», como diz Guerra Junqueiro.

Grande poeta do Amôr ninguém como elle soube exprimir ideias e sentimentos tão nobres e alevantados, por meio de uma linguagem tão simples, mas ao mesmo tempo tão suave e tão sonora, qual gorgeio das avesinhas, que ao romper da aurora, cantam os seus trinados tão cheios de harmonia!

Mas, o poeta completou-se no educador, estudou mais e mais, para descobrir o melhor methodo de ensino para as creancinhas e realisou o seu fim,

A *Cartilha Maternal*, do nosso Campoamor é, como pedagogista, a sua grande obra.

Todos que a conhecem a têm admirado!

E, até nos paizes estrangeiros, ella tem merecido os maiores louvores.

D. Rafael de Labra, diz que a Hespanha



## Chronica agricola

### Sulfuração

O anhydrido sulfuroso é o corpo toxico, que se forma quando se combusta o enxofre. A sua acção anti-fermenticivel é bastante energica, e como tal tem um largo emprego em vinificação como elemento destruidor de todos os fermentos, que podem infestar os vinhos ou as vasilhas.

A *sulfuração* tem em vista tractar o vasilhame, ou tractar o vinho.

Pode destinar-se simplesmente a garantir a conservação do vinho, ou a tracta-lo d'uma doença de que esteja atacado.

O anhydrido dissolve-se facilmente nos vinhos, actuando não sómente sobre os seus fermentos, mas tambem sobre a sua côr e corpo: fazendo-lhes abrir mais a côr e diminuindo-lhes o corpo.

Nos vinhos brancos a sua acção é de maior efficacia, evita a coloração dourada que actualmente não se aprecia; dando-lhe mais limpidez e livrando-o de alteração ao contacto do ar.

A sulfuração faz-se pelo gaz sulfuroso produzido na combustão do enxofre; pela sua libertação dos *bisulfitos*; emprego do *alcohol sulfuroso*, ou *agua sulfurosa*.

A sulfuração pela combustão do enxofre, faz-se por meio da *mezha*; isto é queimando dentro da vasilha tiras de linhagem previamente embebidas d'enxofre fundido. Este processo mais antigo, tem o inconveniente de introduzir gostos empyromaticos, e ás vezes mesmo gosto a ovos podres, produzido pelo hydrogenio sulfurado, que se forma mais tarde á custa dos pingos de enxofre fundido, que caem no fundo da vasilha.

Outro processo mais perfeito, é o que se realisa queimando enxofre n'uma tigellinha, introduzida pelo batoque da vasilha, suspensa por um arame. Tem o inconveniente, que não é pequeno, como o anterior, de originar uma quantidade de gaz insufficiente, porque o enxofre apaga-se, antes de produzir a quantidade de gaz necessario.



FESTAS DAS CRUZES

As ornamentações e illuminações da rua D. Antonio Barroso, de brilhante effeito.

se orgulharia de possuir a « Arte de Leitura » de João de Deus . . .

Sobre o alto valor pedagogico da Cartilha Maternal, escreve o grande economista francês, Emile Levasseur :

« La Methode de lecture composée par João de Deus, le grand poète portugais, donne de très bons resultats et tend à devenir le système national d'enseignement ».

Fundar, pois, n'esta cidade um *Jardim-Escola*, e consagra-lo áquelle, que passou a vida inteira a pensar, qual fosse o modo mais simples e ao mesmo tempo de maior aproveitamento, para o ensino das creanças, é executar uma obra meritoria.

Honra seja pois, ao Orpheon Academico de Coimbra, e oxalá que o seu edificante exemplo seja seguido por aquelles que têm em vista combater em prol da instrucção, para fazer de novo resurgir, o nosso querido e desventurado Portugal.

Coimbra, maio de 1910.

DOMINGOS LUCIANO DE FIGUEIREDO.

O melhor processo é produzir o gaz exteriormente, por meio dos sulfuradores Bata-talha Reis ou Silva Pinto, e introduzi-lo depois dentro da vasilha a sulfurar.

O sulfurador Silva Pinto é um aparelho bastante pratico e ao alcance de todas as bolsas; todos os que labutam com o vinho o deveriam possuir, porque pôde prestar magnificos serviços, tanto na conservação das vasilhas como nos vinhos.

Tem a grande vantagem de podermos conservar um vinho de consumo diario, em bom estado e até ao gasto final, desde que se tenha o cuidado de fazêr funcionar o aparelho, por alternativas que poderão ir de oito a quinze ou vinte dias, conforme os gastos diarios, de maneira a ir substituindo o vinho pelo gaz sulfuroso.

A sulfuração dos vinhos por meio dos bisulfitos, faz-se expontaneamente pela simples introduccão, dentro do vinho de pequenos saccoes de 0<sup>m</sup>,08, contendo *meta-bisulfito de potassio*, na quantidade de cinco a dez

grammas por cada hectolitro. Em todos os casos em que o vinho é d'uma conservação difficil, é conveniente alem da sulfuração pela combustão, por meio do enxofre, fazer-se tambem a sulfuração pela introduccão no mesmo liquido dos bisulfitos.

O alcool chega a dissolver trezentos litros de gaz sulfuroso, mas á temperatura ordinaria dissolve menos, e não convem satural-o a frio, para se não dar o risco de reben-tarem os frascos, quando se elevasse a temperatura.

Para uma sulfuração moderada um litro de alcool sulfuroso pode bastar para 70 ou 80 hectolitros de vinho; mas, como tratamento de doenca, emprega-se esta mesma quantidade para 10 a 15 hectolitros.

Usando a agua sulfurosa, que a 20.<sup>o</sup> dissolve 40 vezes o seu volume, devemos empregar uma maior porção, isto é, dois a trez litros por 10 a 15 hectolitros de vinho doente.

L. M.

## Novos colaboradores

Promettem á nossa *Revista* a sua collaboração os srs.:

Conde de Villas-Boas, nosso illustre patri-cio, que já por vezes tem honrado as paginas do nosso jornal com brilhantes artigos, em que sempre sobresahe o seu devotado amor á nossa terra;

Rodrigo Solano, um delicado temperamento de poeta e um espirito critico de superior valia;

José Vieira, um antigo conhecimento dos nossos leitores, que já admiraram a sua prosa artistica, recamada de buriladas imagens;

Simões de Castro, (outro conhecimento dos nossos leitores) e Duarte Solano, que se destacam na moderna geração litteraria pela fina originalidade do seu talento.

Registrando com prazer os nomes d'estes cavalheiros, na lista dos nossos distinctos colaboradores, agradecemos-lhes a honra que nos dão e esperamos que nos veniem amiudadas vezes as suas producções.

## Registo

Recebemos e agradecemos:

O numero 88 do *Boletim da Liga dos Funcionarios Administrativos*, que se publica em Lisboa.

— O numero 6 do *Boletim Notarial e Forense* que, sob a direcção do distincto advogado e bibliographo sr. dr. Rodrigo Velloso, se publica em Lisboa.

— O numero 16, 1.<sup>o</sup> anno, da publicação trimestral a *Bairrada*, dirigida pelo sr. Adelino de Mello, da Mealhada.

## EXPEDIENTE

Os clichés das gravuras das imponentes festas das Cruzes pertencem ao nosso collaborador e distincto amator photographico sr. Gonçalo Alcalde y Alonso.

— No proximo numero continuamos com a nossa reportagem photographica das festas das Cruzes.